A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

NUMERO 42 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

"AS TRÊS GRAÇAS"
DA FESTA DOS MERCADOS

(Cliché Raul Reis, edição Domingo Ilustrado)

O DOMINGO ilustrado
ANO I — N.º 42
LISBOA 1 DE NOVEMBRO DE 1925
PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado
DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 481 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. o Seculo, 150

ECOS

Deputado... por Paris

Não conhecemos o sr. dr. Antonio da Fonseca. Nunca lhe ouvimos um discurso, nem nunca lhe lêmos um livro.

Toda a gente porêm diz que aquele antigo parlamentar é muito inteligente. Acreditamos piamente. E é por acreditarmos na sua inteligencia que não podemos tomar como fieis as palavras que lhe atribue um nosso colega diario. Com o maior «sans façon» o nosso jovem ministro em Paris teria dito esta enormidade: «A legação em França deixa-me tempo suficiente para ser deputado em Lisboa!»

Então a legação de Portugal no primeiro paiz do mundo é coisa que se acumule com um «fauteil» em S. Bento?

Então as centenas de problemas de toda ordem que exigem uma constante atenção da parte dum representante plenipotenciario não tomam o tempo todo e mais que fosse?

Pode á vontade o sr. dr. Antonio da Fonseca consultar todos os seus numerosissimos colegas do corpo diplomatico acreditado em Paris, que não encontra um só que seja deputado eleito e de assento obrigatorio nas camaras dos respectivos paizes. E, mesmo em Portugal, esse fenomeno de velocidade ainda não tinha aparecido, a não ser no «Deputado-Fantasma» que vôa do Chalet Aleixa em Manteigas para Paris, e é invisivel a olho nú, em Lisboa.

O caso da caricatura do poeta Gomes Leal

Na nossa redacção esteve o proprietario do quiosque do Largo do Intendente que aqui apontamos no nosso ultimo numero. Por esse senhor nos foi dito que, tendo encomendado um reclame a determinado artista, este lhe trouxe aquela caricatura como seu original não sabendo o proprietario do estabelecimento que a mesma era uma «charge» ao insigne auctor do «Fim do Mundo» e que por essa razão o tinha colocado na «vitrine» como reclame á sua casa.

Sabedor porem da verdade, apressou-se a vir á nossa redação participar que nesse mesmo dia retirára o desenho, pesaroso pelo facto, tanto mais que conhecendo em vida o infeliz cantor da «Historia de Jesus», sempre por ele teve uma profunda amisade e admiração.

Apraz-nos pois a solução deste caso e ainda é com muito praser que pômos aqui as declarações do proprietario da loja, declarações que só o enobrecem.

Augusto Cunha

Augusto Cunha é talvez um personagem literario desconhecido da grande maioria dos nossos leitores. No entanto este banal nome e este apelido encobrem um humorista de enorme merito que acaba de prometer colaborar assiduamente no nosso jornal. Apesar de «desirenado», como ele modestamente explica, a sua prosa feliz enfileira com a dos melhores nomes, como Brun, Roldão, Roquete ou Feliciano Santos. Os leitores da o «Domingo Ilustrado» vão, pois, ler mais um belo espirito para os acompanhar todas as semanas.

TEORIA

O JUIZ — Você foi preso por bebado pela vigesima vez! Que tem a dizer?
O REU — Tenho a dizer que talvez fosse melhor tirar uma avença!

questão prévia

OUTONO... Eleições e chuva... Tristeza e tedio...

Entre o ceo, pardo e a terra, lamacenta e mole, o ar denso e humido é como uma teia de aranha, em que a mosca dourada da alegria se debate em vão e vai morrendo aos poucos.

Nas arvores adormece a seiva e nos bronquios, assanhados, os pertinazes catarros despertam para as grandes sinfonias matinais do levantar da cama.

As mulheres despedem-se, saudosas, das mangas curtas e sacodem a naftalina das fofas peles de abafo, luxuosos despojos de raposas, sibelinas, arminhos e outros animais que estupidamente morrem por elas, como se fossem homens.

Já nas confeitarias se embrulham, á pressa, os rebuçados de altéa, para a clientela encatarrada e já as donas de casa previdentes se municam de ameixas, peras e outras fructas secas para as xaropadas caseiras.

Pelas ruas, á boq inha da noite varando o ar humido, sobe até aos quintos andares o pregão, triste e dolente como um cantico arabe, dos marmelos assados e rapariguinhas de pé descalço, cingindo maternalmente ao seio razo bojudas panelas de esmalte, vão por becos e travessas oferecendo, a cantar, as «quentinhas de erva doce».

E' o Outuno, meus amigos, o outuno que passa, semelhante a uma criança debil e enfermiça, trasendo pela mão como um velho trôpego, melancolico Inverno.

Outuno... Eleições e chuva... Tristeza e tedio...

* * *

Se eu fosse musico, dir-vos-ia em solfa toda a enternecedora melancolia que se depreende deste suave adormecer da natureza doente. Mas—ai de mim!—sou daqueles que, a respeito de notas, só conhecem as do Banco de Portugal e mesmo essas mais de vista que pessoalmente.

Se me houvesse sido dada a faculdade inefavel de me sentar deante dum piano e, só com passar-lhe os dêdos sobre a dentadura, arrancar acordes expressivos, sinto que escreveria uma grande pagina musical, uma sinfonia talvez, em que perpassasse, fina e levemente, todo o encanto sentimental do Outono.

E' evidente que os motivos escolhidos não seriam o bater de gemadas, o pregão de marmelos ou o ferver dos xaropes, aspectos da poesia outonal e demasiadamente realistas para que possam ser expressos em sons melodiosos. Iria surpreender a grande melancolia dos parques abandonados, atapetados do ouro das folhas mortas e silenciosos sob a lividez esverdeada dos musgos recentes. E na bruma das suas interminaveis aleas de buxo ergueria, para humanisar a melancolia dominante, a figurinha delicada e fragil da ultima mulher, que no ultimo outono romantico morreu de tisica e de amor, entre o perfume esparso e sobid das violetas.

Em lentos suaves acordes ela caminharia, em lentas, suaves passadas, atravez do parque e da sinfonia até ao banco de azulejos, que se fazia macio para receber o seu corpo, emagrecido e ali, ao triste chorar da fonte, onde um satiro de pedra obriga um golfinho a abrir a boca para que um delgado fio de agua escorra atravez dos limos pendentes, como uma baba viscosa, ela evocaria a despedida a ocultas, por uma noite de luar, naquele mesmo banco, os juramentos trocados, a longa ausencia, o esquecimento. E emquanto, no piano, a mão esquerda fosse dizendo o «ting-ling» monótono da agua da fonte, a direita descreveria, ora em tremulas de lagrimas ora em tropel de pulsações, a tristeza do Outono e a magua sem remedio da ultima romantica.

* * *

Como alguem, que habitualmente leia estas cronicas, pode extranhar a melancolia do assunto, devo prevenir que sempre, por esta epoca do ano, sou vitima dum ataque, seja de romantismo ou de gripe. Escusado será dizer que prefiro o primeiro, porque, alem de outras vantagens, passa depressa e dispensa sinapismos.

Feliciano Santos

Má língua

CARTA A TAÇO SOBRE OS VERSOS QUE ELE NÃO MANDOU

Querido Poeta

Esperei anciosamente por si até hoje 5.ª feira.

Aquele volumoso envelope que pontualmente aqui chega ha quarenta e duas semanas, com a sua letra rapida e brincada, na anilina particular do seu tinteiro, falhou.

Julguei que a vindima deste fim de outono, ou os arranjos uteis do lagar, o absorvessem todo.

Mas não. Você, Taço, está em Lisboa. Foi visto, foi sentido. A sua madeixa loira passou já pelo Chiado como uma chama fulva. Todos o viram—Ninguem lhe chega.

Volte para o campo, Taço! Lisboa está egual a sempre—e ao menos no campo Você não falha—e o seu comentario é mais citadino, mais civilisado, mais Lisboa—do que se Você aqui estivesse.

Creia, não vale a pena. Apenas algumas silhuetes mudaram. Ha mais mulheres de cabelo cortado. Os estudantes agora usam malacões, bengalões, e umas gravatas de veludo á Imperio, que lhes dão um certo ar lamentavelmente «pires». Os teatros estão já abertos ás moscas. E' que o negocio tem picos—e as «estrêlas» tem bicos, como diz o Matos Sequeira.

Lisboa, na Baixa, está lisa como uma lava—num pavimento que deu «lavas». O resto, tudo o mesmo. Por tudo, volte para o campo—Taço!

NÓS TODOS

ECOS

As tres graças

Nas admiraveis festas dos mercados fôram premiadas tres raparigas lindas: duas Ildas e uma Beatriz. Grande parte do publico acha mais bela a Rainha Ilda II do que a Ilda I. Qual o misterio dessa eleição, e qual o motivo que levou o juri a premiar em primeiro lugar a cachopinha da Praça da Figueira? Parece-nos simples.

Ilda Fernandes, a Rainha eleita, apresentou-se vestida e penteada com muito bom gosto, e com rigor. O seu «todo» era o mais interessante e completo. Tem uma testa menos bonita? Que importa, se habilmente a soube encobrir. E' levemente ondulada a linha do nariz? O Jury viu-a principalmente de frente. E, os artistas que dele faziam parte não conseguiram abstrair da «mise-en-scene» que realmente tem uma importancia fundamental.

No entanto se a Ilda II fosse vestida não com o vestido que levou, banal e vulgar, com o lenço mal colocado, mas se se tivesse entregue nas mãos de um artista que soubesse tirar partido da sua maravilhosa figura e do seu perfil castiço, teria ganho.

Apesar disso as tres graças portuguezas, que o publico de Lisboa aplaudiu e consagrou podem dizer-se, como as da Fabula, egualmente belas: a frescura de Ilda Fernandes; a saude de Beatriz de Jesus; a delicadeza de Ilda Pinto.

Uma grande obra

A eminente desenhadora das creanças portuguezas e notavel ilustradora, Raquel Roque Gameiro Ottolini, acaba de lançar no mercado uma obra monumental sob todos os aspectos. E' o «Livro do Bébé», formosissimo repositorio e registo para todos aqueles lares iluminados pela graça duma creança.

A grande artista que os maiores criticos de Espanha consagraram, e que teve a honra de de ver um dos seus desenhos comprado para o mais importante museu de arte moderna do mundo, tem, nesta sua obra, paginas dignas das maiores mestras inglesas da ilustração.

O «livro de Bébé» vai esgotar-se em breve, tal o numero de pedidos que os seus depositarios teem recebido nestes dias.

As festas dos mercados

Felicitamos o nosso brilhante colega «Diario de Lisboa» pelo exito enormissimo que coroou as festas da sua iniciativa.

O mercado seiscentista do Largo de S. Domingos, onde colaborou o nosso bom amigo e director deste jornal sr. Leitão de Barros, foi um dos grandes exitos dessas festas.

Com essa colaboração mais se estreitaram as cordealissimas relações que prendem todos nesta casa ao brilhante grupo de rapazes que trabalha com tanto valor e tanta fé no grande vespertino de Lisboa.

Imprensa e livros

Recebemos do sr. João Rosa o seu belo trabalho profusamente ilustrado «Evora», que é uma *plaquette* cheia de interesse e de grande propaganda para a linda capital do Alemtejo.

Chegou-nos á redacção a revista «Terras de Portugal», que é um volume de grande propaganda do comercio e industria do Paiz. Dirige-a com a sua habitual proficiencia e tecnica o sr. Gomes Barbosa, notavel agente de publicidade.

QUEM AVISA

—Já te tenho dito que não cometas imprudencias na agua quando levas a corrente de oiro!

HUMORISMO

crónica alegre

UM CASO MISTERIOSO

AQUELE barbaro e misterioso crime de envenenamento de que foi vitima uma familia nobre muito conhecida, causou a indignação geral, pela forma cruel por que fôra perpetrado.

O criminoso introduzindo-se, talvez como amigo, no lar dos que premeditára fazer desaparecer, poude assim exterminar, facilmente, toda a familia.

Apezar da revolta que tal crime produziu na opinião publica e do afan das autoridades, o assassino conseguiu a principio ficar na sombra e na impunidade.

Durante muito tempo a policia o procurou inutilmente.

Mas uma mulher decidida a descobri-lo, poz-se em campo; e depois de longas e persistentes investigações, sem um falha, sem um desfalecimento, com uma tenacidade invulgar, alcançou por fim um rasto, uma pista segura.

E usando um estratagema habilmente

architectado descobriu o assassino, obrigando-o a confessar o crime, e a descrever-lh'o com todos os seus crueis detalhes.

Porem, esta mulher, que por um simples interesse particular ou mero capricho, se dedicára a tão espinhosa tarefa, tinha-o feito clandestinamente, pela incerteza de conseguir o fim em vista.

E quando já podia dar publicidade aos brilhantes resultados das suas investigações, dando conta do exito da empreza que expontaneamente tomára sobre si, perante a figura insinuante do assassino, resolveu calar-se, porque uma atracção forte a começou impelindo irresistivelmente para o misterioso personagem.

E um grande amor tornou a envolver no misterio o extranho caso.

Mas pouco a pouco aquela mulher que um amor inesperado acorrentára ao criminoso, começou a ver que ele afinal nenhum interesse tinha tido no crime.

Não tinha havido roubo; o assassino não era conhecido na região, onde aparecera pouco antes; não era tambem um degenerado; um criminoso de profissão; não tinha parentesco algum com as vitimas, não se percebendo, portanto, qual o interesse directo ou indirecto que poderia ter tido no seu desaparecimento.

E em fim por mais conjuncturas que fizesse, por mais explicações que procurasse, nada encontrava que pudesse ter sido a causa de tão odioso gesto.

Então o espirito novamente excitado daquela mulher, dedicou-se inteiramente a desvendar o novo misterio.

E agora sem rodeios, nem estratagemas, mas abertamente, cara a cara, o interrogou:

Qual a causa, o motivo oculto do seu crime?

Mas desta vez e apezar do amor que ele tambem já sentia, a sua boca fechou-se numa obstinação.

Ela teimou, pediu, insistiu. Ele teimou tambem no seu silencio.

Ela, porem, não desistiu.

Procurou apanha-lo em contradição, tentou todos os meios, usou por fim da astucia e excitada cada vez mais pelo segredo, procurou avidamente uma confissão; primeiro com habeis rodeios, com estudadas caricias, com suplicas, com amor e por fim numa luta brutal, violentamente, com ameaças, com imprecações, com odio.

Ele manteve-se, apezar de tudo, impenetravel.

Mas não podia ser. Ela precisava de saber tudo; queria, exigia, tinha a necessidade invencivel e intensa e absoluta de saber; e apezar do muito amor que lhe tinha, amor que mais se radicára roçado pela aza negra do misterio —apezar de tal amor ser agora o seu unico interesse, a sua unica felicidade, o desejo de saber era mais forte e ela só tinha um meio de saber,—de saber tudo.

Era simples, posto que violento de mais para o seu coração. Mas o coração impedernira ante o desejo de saber.

Denunciando-o, entregando-o á sanção da lei, descobrindo-o, desvendando o primeiro segredo,—até ali unicamente seu,—ele seria preso e no julgamento, confessaria tudo.

Não hesitou. A justiça tomou conta do caso.

Porem, no julgamento, interrogado, instado, confessou o crime e a forma por que o executára, mas não confessou a causa.

Foi condenado á morte.

O desejo de saber ficava, portanto, ainda mais intenso e desapareceriam em breve, todas as probalidades de o conseguir.

A morte ia tornar o misterio insondavel para sempre, roubando ao mesmo tempo áquela mulher, o maior amor da sua vida, amor que mais se intensificava com a certeza da perda, do fim irremediavel.

Era preciso, portanto, lutar de novo, tentar mais uma vez todos os meios; e já que o amor se perdia, que ao menos se devendasse o misterio.

No carcere, no dia em que ele devia ser executado, ela insistiu, tentava arrancar-lhe a tão ambicionada revelação.

Perante uma nova recusa, rojou-se-lhe aos pés, beijando-o, sacudindo-o, numa furia alucinada.

Ele pediu apenas que o deixasse, que nada mais podia dizer. Um voto, um juramento sagrado, impunha-lhe um absoluto segredo.

—O mundo, disse, nunca o poderá saber; é inutil a tua insistencia.

—Mas guardarei tambem como tu esse segredo; nunca o revelarei, juro; é só para mim, percebes, apenas para mim, protestou ela numa ultima suplica, num ultimo esforço.

—Só a morte guardará bem este segredo, tornou ele, insensivel a tudo.

Ela teve então uma ideia que a transformou por completo, uma inspiração que ele lhe surpreendeu no gesto e na alegria de olhar, no extraordinario contentamento, na felicidade a abrir, a desabrochar em todo o seu rosto e olhando-a sereno acrescentou:

—Não o queria dizer pelo muito amor, que apezar de todo o mal que me fizeste, me inspiras ainda. Mas vejo que aceitarás o que te vou propôr, para te satisfazer.

—Dize depressa,—suplicou ela, numa anciedade,—quero saber tudo, sim, dispondo-me tambem a tudo.

—Pois bem,—terminou ele,—farei o que me pédes; mas morrerás comigo; assim tenho a certeza que mais ninguem o saberá.

Ela caiu-lhe nos braços, numa loucura, entregando-se-lhe, numa avidez de revelações.

Ele então com brandura, cingindo-a nos seus braços possantes, começou contando tudo, lentamente, detalhadamente, emquanto as suas mãos impiedosas iam cumprindo a sentença que ditára, a condição que impuzéra, estrangulando-a, lentamente tambem.

E numa combinação perfeitamente

calculada, a sua boca e as suas mãos iam cumprindo o prometido.

Ela ficava, pouco a pouco inerte, rigida, sem alento. Mas o seu rosto, onde os olhos muito abertos, pareciam querer devorar todas as palavras dele, não tinha a mais ligeira ruga ou contracção de sufrimento, o minimo sinal da morte que se aproximava e que parecia não sentir. O seu rosto tinha antes um extranho rictus de alegria, de prazer, de intenso goso de saber... de saber emfim... de saber tudo...

* * *

Neste momento caía o pano sobre este final do 5.º acto. Esta mulher era simplesmente a «D. CURIOSIDADE FEMININA».

AUGUSTO CUNHA

TEORIA INFANTIL

—Ó papá! O dromedario naturalmente caiu, e fez [illegible] «galo» nos costas!

INTRIGAS...

—Estou bebado eu?! Quem foi o patife que te disse uma dessas?

Sports

ATLETISMO

Os hespanhoes triunfam no primeiro encontro do Trofeu Iberico

Graças ao valiosissimo apoio do ayuntamiento de Madrid, realizou-se n'aquela cidade o primeiro match internacional de sports atleticos na Peninsula.

Reeditando os seus triunfos assinalados no foot-ball, no remo, no tenis e no tiro, os representantes espanhois conseguiram dominar nitidamente a equipe portuguesa, marcando 51 pontos contra 30.

Se em defeza da nossa derrota, podemos apelar para o manifesto azar de dois dos nossos melhores representantes, os campeões Gentil dos Santos e Honorio da Costa, é de justiça reconhecer que a Real Confederacion Española não teve grandes facilidades na formação da sua equipe representativa. No apelo feito ás Federações regionaes, não encontrou o apoio desejado na Federação Viscaina; assim, atletas de reconhecido medo, como Palau, Palma, Peña, Artiach, Junquera, Belpont e Murgueza, não fizeram parte da selecção hespanhola.

E se do nosso lado, algumas defecções se registaram: como Cardoso no peso, Martins no disco e Graça nos 5.000 metros, estas são bem contrabalançadas pela não inclusão dos atletas de Viscaia.

O que resalta de maneira evidente, aos amadores de atletismo, é a pobreza geral dos resultados obtidos, cuja maioria está dentro das posses dos nossos representantes, se fizermos credito aos maximos oficiaes apresentados em concursos bem recentes.

A equipe portugueza apresentou-se pois em dificiente «forma», o que até certo ponto, era licito esperar, atendendo ao adeantado da epoca e á rapidez das negociações. No entanto, como n'alguns campeonatos entre nós realisados, atletas que afirmam uma ausencia completa de treino, realisam perfomances muito razoaveis, consideremos sempre as possibilidades geraes da equipe, num grau bem mais elevado, de que o atingido.

A desilusão foi portanto um pouco forte e como lenitivo não temos mais que a ligeira esperança que os resultados atingidos pelos vencedores, nos permitem para encontros futuros.

No entanto, segundo relatos de jornaes espanhoes, a pista não estava em bom estado, devido á violencia das ultimas chuvas e um vento frio e penetrante dominou sempre nos dois dias do concurso.

Está hoje sobejamente comprovado, que o frio é um inimigo declarado do bom rendimento humano e que as grandes perfomances só se obtem com temperaturas mesmo um pouco exageradas.

O I Portugal—Hespanha causou-nos tres surprezas de caracter bem diferente. As desfavoraveis incluem a nova distenção sofrida pelo nosso excelente sprinter Gentil dos Santos na corrida de 100 metros, quando era quasi certo o seu triunfo, e a queda de Honorio Costa ao passar a penultima barreira, nos 110 metros, quando marchava nitidamente á cabeça. A favoravel foi a excelente classificação obtida pelos nossos atletas nos saltos de vara.

Os maximos atingidos sempre com regularidade pelos nossos adversarios, não nos prometiam grandes esperanças nesta modalidade. Assim na equipe, foi incluido apenas um selecionado. Moura Braz, aluno do Colegio Militar que não fôra feliz nas provas de seleção e que se vira excluido, teve a ideia excelente de se deslocar a Madrid á sua custa. A sua resolução foi benefica ás nossas côres, pois triunfou na sua especialidade, obtendo o selecionado o segundo logar. Adquirimos assim 5 pontos preciosos.

A seleção nacional, e os dirigentes que a acompanhavam tiveram uma entusiasta receção na capital hespanhola e foram continuamente alvo de manifestações de apreço. Os encontros foram presenciados por milhares de pessoas, que premiaram indistintamente com carinho, vencedores e vencidos.

O ambiente da lucta foi pois o mais favoravel á equipe visitante.

É de prevêr, que o povo da nossa capital saiba corresponder no proximo Portugal-Hespanha, que se realisará n'esta cidade em 1926, ás manifestações inexcediveis de que mais uma vez, o cavalheirismo de «nuestros hermanos», deu provas.

Indicamos a seguir os nomes dos vencedores oficiaes do concurso:

100 metros—Ordoñez (espanhol) 11 s. 3/5.
200 » » » 23 s. 3/5.
400 » Larrabeiti » 55 s. 4/5.
800 » Miquel » 2 m. 5. 1/5.
1.500 » » » 4 m. 23 s. 3/5.
5.000 » A. d'Almeida (portuguez) 17 m. 53 s. 4/5.
110 m. barreiras—F. Eloi (portuguez) 16 s. 1/5.
Salto em altura—Irigoyen (espanhol) 1 m. 75.
Saltos em extensão—Karel Pott (portuguez) 6 m. 21.
Saltos á vara Moura Braz—(portuguez) 2 m. 95.
Peso—Montinho (espanhol) . . . . . . 11 m. 40
Disco—Doctor (espanhol) . . . . 34 m. 77
Dardo—Bru (espanhol) . . . . 49 m. 61
4×100—Espanha . . . . 45 s. 2/5

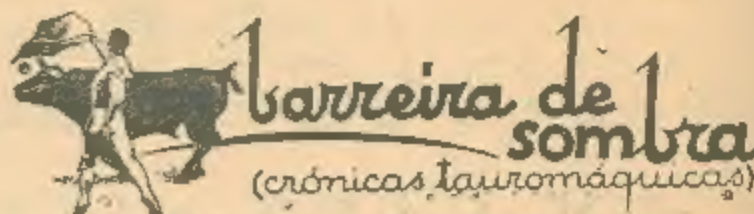
C. LEAL

Dr. José Pontes

Faleceu na semana passada, a filhinha mais nova do ilustre presidente do Comité Olimpico Portuguez. A pequenina Hortense, a quem a medicina prestou todos os seus conhecimentos, não resistiu á gravidade da doença. A sua morte deixou inconsolaveis seus desolados pais e comoveu profundamente todos aqueles que mais de perto andam ligados ao formidavel trabalho de José Pontes em pról do sport nacional.

O optimismo e a confiança radiante no futuro, que caracterisam a ação do conhecido parlamentar, sofreu assim um rude golpe, cujo valor não é facilmente descriptivel.

O Domingo Ilustrado apresentando sentidos pesames ao dr. José Pontes, curva-se perante o cataclismo moral sofrido por S. Ex.ª.

C. L.

CAMPO PEQUENO

NÃO fechou com chave de ouro a temporada de 1925 no Campo Pequeno.

A tourada de Domingo—ultima da epoca—anunciada para as quatro horas, com a presença da Rainha dos Mercados, que deu entrada no seu camarote ás cinco menos um quarto, motivando este atraso o ter que acabar a corrida «era já noute cerrada», não satisfez quanto á pessima qualidade dos touros, concorrendo tambem em parte para a sua monotonia, por vezes, a indolencia do espada «Paradas» que apenas se salientou n'um touro, com o capote, o que foi pouco para as 4000 pesetas que veio ganhar.

Após as cortezias á antiga portuguesa, executadas com falta de ensaios..., rompeu praça o primeiro touro que recolheu ao touril, sem ferragem do seu antagonista o cavaleiro Ricardo Teixeira, que esta epoca teve bastantes tardes de gloria.

O segundo touro, bandarilhado a sós pelo amador Mario Lopes, foi por este habilmente preparado e distintamente enfeitado com tres pares de ferros, aplaudidos pela assistencia que ocupava tres quartos de lotação. Uma bôa pega de Celestino Gonçalves rematou a lide d'este touro, sendo chamados á arena, bandarilheiro e forcado.

O terceiro touro, para o cavaleiro D. João de Mascarenhas, não recebeu um unico ferro, tal era a sua qualidade...

A lide do quarto touro, pelo espada, não correspondeu aos 12000 escudos que «sua excelencia» havia recebido antes de começar o o seu «minusculo» trabalho...

Como já fossem quasi horas de acabar a corrida e ainda faltassem lidar quatro touros, o publico pedia para que não houvesse intervalo, ao que se opoz o dono do bufete da praça, tendo havido a tolerancia de cinco minutos para os espectadores «irem molhar a palavra», como declarou bem «sonoramente» o director da corrida.

O quinto touro, para D. Alexandre Mascarenhas, apenas foi mimoseado com um ferro e nada mais...

No sexto touro, destinado ao espada, pouco houve de notavel, seguindo-se o setimo para o cavaleiro Antonio Pires—ilustre desconhecido—que cravou dois ferros compridos e um curto muito bons.

O ultimo touro da tarde, que por sinal já era noute, e tambem o derradeiro da epoca, lidado com a praça absolutamente ás escuras, não tinha cauda e voltou para o curro com dois pares de bandarilhas que a muito custo foram colocados não se sabe por quem...

Os forcados executaram a «casa da guarda», durante a lide da primeira rês e pegaram valentemente de cara os segundo e quarto touros, alem de uma pega de cernelha, de grande efeito, no terceiro.

Na brega salientaram-se os bandarilheiros «Alfareiro» e «Angelito» e a direcção da lide a carga do ex-bandarilheiro Manuel dos Santos, satisfez.

Sua Magestade a Rainha das Rainhas dos Mercados, que assistiu á tourada n'um camarote ricamente engalanado de vistosas colgaduras, retirou-se com a sua côrte antes de findar a corrida, tendo sido vitoriosamente aclamada por toda a assistencia.

ZÉPEDRO

Os Sports na Provincia

(Dos nossos correspondentes especiais)

TORRES NOVAS.—Realisou-se um desafio de Foot-Ball entre o Torres Novas Foot-Ball Club e o Gernes Foot-Ball Club Luzitania. Na primeira parte o dominio equilibrou-se e na segunda foi o dominio do Torres Novas. O resultado foi 2-0 a favor do Torres Novas.

Do Torres Novas os jogadores muito abaixo do seu costumado jogo tendo sido o melhor o ponta-esquerda Gonçalo Amado, segundo de Francisco Tavares sempre incançavel em toda a parte, os restantes como já disse muito abaixo do que são.

Do Gernes todos se esforçaram para não verem as suas redes furadas mais vezes.

Arbitragem regular, deixando passar muitas faltas.

Findo o desafio houve um copo de agua na séde do Torres Novas que decorreu muito animado.

O Domingo Ilustrado na pessoa do seu correspondente agradece o convite.—C.

FOOT-BALL

VALENÇA, 28.—Realisou-se no passado domingo no campo de jogos d'esta vila, um desafio de foot-ball entre o Comercial do Porrinho e o Sport Club Valenciano. Ganhou o Comercial por 2-1.

O CIRCUITO DE PORTUGAL

Pelas 22,25 de hontem chegaram a esta vila, os concorrentes srs. José Tanganho, tenente Brandão de Brito e cap. Rogerio da Silva. O primeiro a chegar foi o tenente sr. Brandão de Brito, concorrente n.º 11, «com um avanço de 1 minuto» do concorrente n.º 45 sr. José Tanganho. A montada d'este encontra-se em bôa forma. Os restantes esperam-se hoje.—C.

Para os nossos pobres

Transporte	186$50
Gustavo	5$00
Fá-Mi	2$50
A transportar	194$00

CORRESPONDENTES

Pedimos encarecidamente que reduzam ao minimo as suas correspondencias afim de todas caberem no pouco espaço de que dispomos e que se não melindrem pelas faltas de inserção involuntarias.

O DOMINGO ilustrado

TEATROS

Paris-Outubro de 1925.

«Tremidinho» em Paris

Os teatros e os espectadores—Revistas nunca vistas—As coristas francezas e as «estrelas» portuguezas—O teatro francez por dentro.

SÓ hontem consegui arranjar bilhete para assistir á revista do «Palace». Se fosse em Lisboa, tinha caido nas unhas de um contratador feito com o bilheteiro, e para conseguir ver a peça, tinha primeiro de deixar a camisa no bolso d'esse utilissimo trabalhador (?) de teatro! Aqui, esperei apenas que chegasse a minha vez.

Antes de subir o pano, entretive-me a ver a sala de espètaculos. E' elegante, e bem iluminada e nem sombra de lixo se vê pelos cantos.

Ha em tudo um aceio especial que nos dispõe a gostar de estar ali. Os porteiros são porteiras gentis que, por pouco, nos põem o chapeu e o casaco no vestiario, nos dizem obrigado com um belo sorriso e não fazem o favor de nos aceitar o talão do bilhete, como acontece em Lisboa.

Os espectadores tambem são muito interessantes. Pedem licença quando passam, não cóspem para o chão, não se deitam para cima do parceiro do lado, não se metem com as senhoras e quando teem vontade de rir, riem, sem que com isso se julguem inferiores.

Nos finnes dos actos e nos numeros, o publico aplaude se gosta, não está como em Portugal, com medo que o julguem da «claque».

Dá o sinal para começar o espectaculo.

A orchestra toca um «fox-trot» que dá vontade de dançar. Creio que é o mesmo numero que já ouvi em Lisboa mas que ahi me pareceu uma marcha funebre. Sóbe o pano e aparece um scenario que parece que está vivo! Que côres e que desenho! Uma nota curiosa: Não vi *roupas* a disfarçar nas *gambolinas* a pouca fantasia dos scenografos.

As tintas são como as que se uzam ahi mas parecem usadas de forma diferente.

Pelo menos os scenarios não se parecem nada.

Entra um grupo de oito bailarinas que dava em Portugal para se fazerem oito companhias!

Não trazem lantejoulas nem galões dourados. Vestem simplesmente, mas os trajes são feitos a primor, com gosto, artisticos. Naturalmente foram prova-los ao «costumier» antes de este os dar por afinados. Os passos muito eguaes, os gestos muito harmonicos, as oito pequenas formam um conjunto admiravel! Não ha uma unica que se saliente a fazer partes para qualquer camarada da plateia! E todas teem um sorriso nos labios! Não é como em Portugal onde as coristas estão constantemente a pensar em dia de finados.

Corre uma cortina e entra uma senhora de grandes penachos que canta uma cançoneta brègeira, de fazer córar mesmo uma creança de seis mezes que não saiba francez! Lembro-me então nos nossos criticos que acham pornograficas e licenciosas algumas piadas do teatro por[illegible]! O que diriam eles se ouvissem [illegible] lama a dizer por claro o que em Portugal se diz no escuro!

O publico (principalmente as senhoras) acha um «piadão» e pede bis calorosamente.

Corre outra cortina e aparece um grupo de mulheres vestidas de pele e osso. Para disfarçarem a nudez trazem chapeus altos e bengalas.

E' um sucesso! Ao meu lado estão trez senhoras portuguezas que, ignorando a minha condição de patricio, exclamam entusiasmadas:

—Ai Maria! Isto é que é teatro!

—E falam os estupidos da nossa terra, em revista!

—Idiotas! Isto é que são revistas!

* * *

Estamos a meia peça e só me tenho rido á custa de deitar a pudor para traz das costas!

Em compensação tenho os olhos a arder de tanta luz, tanta côr e tanto movimento, e sinto a boca sêca com tanta mulher de corpinho ao leu!

—Se isto fosse em Lisboa—monológo—já estavam as cadeiras partidas e os autores na Morgue!

O segundo acto da peça é perfeitamente egual ao primeiro. Danças, cores, luzes, mulheres e piadas em que a moral fica pelas ruas da amargura.

A certa altura entram quinhentas e-meas em trajes menores e veem ao meio da plateia cantar coisas.

Toda a gente acha bem e nem um só espectador se lembra de fazer figura d'urso.

—Ah! Se isto fosse em Portugal!—penso—as mulheres a esta hora já estavam ag[illegible]radas e a «claque» já tinha puxado pel[illegible] «mócas»!

Ha uma actriz que tem as honras de «estrela» mas que é uma «estrela» exactamente.

Canta, dança, declama na perfeição, é bonita, elegante, tem espirito e... vive sosinha!

Acaba o espectaculo. Na melhor ordem, os espetadores vão saindo. Dirijo-me á «caixa» onde um amavel conhecido me apresenta como critico do «Domingo Ilustrado».

Que ordem e que disciplina! Ninguem grita nem ninguem está zangado.

Entro no camarim da «estrela» que me fala de artes, de literatura, de sciencias! E' muito amavel e não me passou nenhum bilhete de beneficio.

Falei com o electricista que, como o maquinista é «engenheiro»! O Director da companhia é uma pessoa ilustradissima, amavel. Fala-me dos seus estudos porque, ao contrario do que sucede em Lisboa, o director tem a preocupação de estudar!

Uma corista atravessa o palco e eu vou falar-lhe:

—Então vai para casa? O seu rapaz naturalmente está á espera!

—Não senhor! Vou para o ensaio!

—A esta hora?

—Que tem?! Quasi todas as noites temos ensaio depois do espectaculo, para nos aperfeiçoarmos! Eu quero ser uma boa corista! Quero saber bem o meu oficio!

—E espera chegar a «estrela»?

—Não tenho faculdades para isso! Contento-me em ser uma boa corista o que já é muito!

—Mas tem algum curso especia

—Pois então! Olhe, é preciso saber lêr e escrevêr, trez anos de dança e mais um de pratica de marcação!

E a pequena lá foi correndo direita ao professor, um homem que aprendeu dança e é apenas incumbido de ensaiar.

Saio, puxo a gola do sobretudo e meto-me a caminho de casa, pensando:

—Meu Deus Nosso Senhor, porque não deitai num terramoto de quinze dias sobre a gente da minha terra?!

Tremidinho

NO PROXIMO NUMERO

2.ª Carta: A COMŒDIE FRANÇAISE e o TEATRO NACIONAL.

o momento teatral

Lina Demoel

é um nome que saltou de repente sobre o publico. Uma alegria, uma mocidade fulgurante de graça, uma personalidade artistica marcada, e esta feita por encanto, uma nova «estrela».

Em Portugal e no Brazil, a «vedetta» do Maria Victoria—palminho gentil de cara e de figura—venceu. Têm mais valor as mulheres como esta que vencem pela sua beleza que é graça de Deus—do que outras que vencem apenas pela graça dos homens.

Portugal tem algumas grandes actrizes—em compensação quasi não tem actrizes alegres.

Lina é a alegria dum teatro. Tê-la no cartaz é contratar a propria mocidade. Exibi-la numa peça é perfumar um teatro. Lina Demoel está na Feira—a Feira «vive»!

O DOMINGO ilustrado

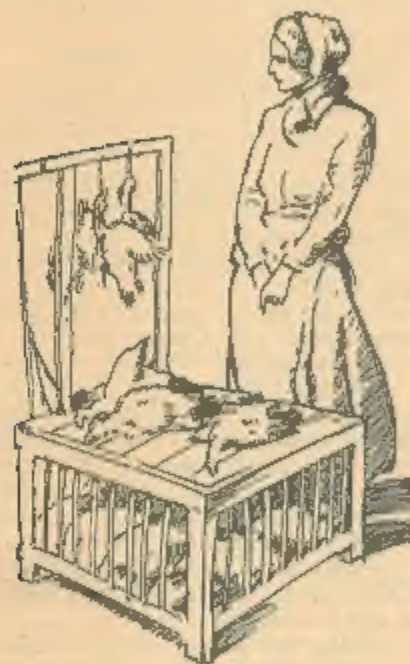
UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

A paixão da Rainha dos Mercados

Pequenina historia de amores onde um leve veu de fantasia encobre um episodio verdadeiro.

NO mercado do Matadouro, quando passou de boca em boca a noticia que um jornal ia fazer um concurso e dar um presente de oiro á vendedeira mais bonita, o Daniel do talho, um morenão des empenado e forte, olhos negros e pestanudos, boca bem vincada a vermelho, ensombrada por um buço leve, franziu as sobrancelhas e, de mau humor, atirou para o grupo que segredava o caso:

—«Indróminas!» Era bem melhor que se deixassem de «partes»!

—Homem! — respondeu-lhe o Julio hortaliceiro, mostrando os dentes escuros, queimados do tabaco—O concurso é só de raparigas! Não é nada contigo!

Tinha uma venda de criação no Mercado do Matadouro . . .

—Pois sim!—tornou o Daniel e tomando o cutelo começou a raspar a prancha de madeira, nervosamente.

* * *

Emilia, a que vendia criação no logar do canto, quando d'ahi a pedaço Daniel apareceu carrancudo, extranhou-lhe o ar:

—Sucedeu-te alguma coisa, Daniel?

—Nada! E' lá essa historia do concurso!

—Mas que tens tu com...

—Tenho que não consinto, ouviste? Não consinto que vás a essa coisa!

—Mas quem pensa n'isso?

—Penso eu! Já ficas sabendo, hein?! Não quero cá d'essas palhaçadas! Tu não vaes!

—Mas, ninguem ainda me disse nada a esse respeito...

—Mas já ficas sabendo! Era o que faltava!...

* * *

Entre a roda das vendedeiras do mercado do Matadouro, e afirmava-se, que mesmo dos outros mercados, não havia cara mais linda do que a da Emilia.

Os olhos portuguezes, negros, onde havia no brilho dois pedacinhos de sol e uma doçura de alma constantemente aflorava em carinhosa expressão, a pele morena, muito branda e fina, a bôca desenhada em côr de sangue vivo, os dentes muito alvos, alinhados como contas brancas d'um rosario, davam-lhe o ar sereno e belo de uma santa.

Pequenita ainda, pernas ao léu, as mãos roxas de frio, os olhitos muito abertos, curiosos, já por ali andava na faina da venda, agarrada ás saias da mãe, encolhendo-se toda quando o galo de crista rubra armava em pimpão, e se lhe punha a dançar na frente, procurando acertar a bicada aguda na defeza cavalheiresca das suas favoritas.

Diziam os que a conheciam de garota, quando a mãe montára venda de creação na praça da Figueira, que a Emilia, nada e creada entre a gente do mercado, era a mais linda creança que patinhava o asfalto e por ali tinha brincado e rido de cambolhada com os outros miudos, entre os montões verdes das hortaliças e as manchas fortes das frutas que em piramides, lembravam tesouros enormes de pedras preciosas.

E assim, entre o bulicio da venda, ganhando pouco a pouco o pão santo de cada dia, a Emilia, fez-se mulher, tomou corpo, umas formas elegantes, cheias de beleza, bem marcadas, numa estrutura de linhas perfeitas.

* * *

Aquele noivado com o Daniel do talho, já vinha da meninice. Tambem ele, garoto atrevido e espertalhão, sabio nas manhas de furtar uma laranja ás escondidas do vendedor, andava de pequenino naquela roda.

Brincavam os dois juntos, por entre a algazarra forte da praça e, de corações dados, sem quasi dar por isso, cresceram. Amavam-se muito. Ele queria-lhe do fundo do coração, com raiva, como homem forte. Ela, ficava-se horas infinitas a olhá-lo, na sua blusa vermelha, o avental salpicado do sangue das carnes, braço cabeludo á mostra, empunhando airoso o cutelo reluzente.

* * *

—Tu é que vais ser a nossa rainha! —dizia a Rita entre o grupo formado em volta de Emilia—Pois então!

—E ganhas com certeza!—acudiu o Jeronimo peixeiro—Ganhas e por muito! Não ha em todas as praças, cara como a tua!

—Metes todas num chinelo! Cara mais linda!

E a Emilia, ruborisada, em gestos desageitados pela perturbação, balbuciava:

—Eu!... Ora não ha... vocês não estão bons!

—Sim, sim, que aqueles senhores lá dos jornais já disseram que nem a da Ribeira te chegava aos calcanhares!

—Vais tu!

—Ele, a bem dizer, indo a Emilia que vão as outras lá fazer?

E a Emilia, compondo as galinhas mortas sobre o zinco da venda:

—Deixem-se disso! Deixem-se disso!

* * *

Seria realmente ela a mais linda de todas! E se ganhasse!? Como o seu Daniel ia ficar contente! Depois havia uma casa que oferecia o enxoval! Era apenas o que lhes faltava para casar! Ganharia ela? Ora! Podia lá ser...

* * *

—Daniel! Eles querem que eu vá...

—Quê?!

—Sim, querem que eu seja a rainha...

—Mas tu estás doida?!

—Mas...

—Era o que faltava! Não, Emilia, não vais! Nunca deixaria que a minha noiva... Eu nem quero pensar nisso...

—Mas ouve! Dizem que é uma coisa séria!

—Qual séria, nem a brincar! Para que todos te vissem e viesse o teu retrato nos jornais! Eu sei que te está a pular o pé para a parodia, mas não, não e não! Tu és minha, percebeste? Só minha! Não quero que outros le vejam! És a mais bonita? Mas és minha! Eu estou a vêr! Todos a procurarem comer-te com os olhos e depois... depois... não! Prefiro tudo!

* * *

—Mas ó Daniel! Isso não está bem! Deixa ir a pequena!

—Que vá, eu não a tôlho! Mas já sabe! Ela vai lá ser a rainha ou o que é, mas o casamento está desmanchado!

—Não sejas assim!...

—Por alma de minha mãe lhes juro! Ela a sair de casa com esses tais e eu a marchar-me para a loja do meu irmão no Porto! A minha mulher andar feita palhaça! Então não!

* * *

No dia seguinte, quando a comissão veiu buscar a rainha, o logar da Emilia estava fechado.

—A Emilia parece que está doente!

—Foi o Daniel que não deixou ir!

—Bem! Vai a Beatriz de Jesus! Passa a ser essa a rainha do Mercado do Matadouro.

* * *

Escurecia. Da rua vinha o ruido do povo que tinha ido vêr passar as rainhas.

—Viste, Daniel! Por tua causa não fui!

—Estás arrependida?

—Não! Mas sabes... tenho pena! Dizem que davam um enxoval e assim... já a gente casava mais depressa...

—Quero cá que a minha noiva entre nessas palhaçadas...

—Deixa lá! Apeguemo-nos ao trabalho que Deus ha-de ajudar!...

—Dizem que ganhou a lida...

—Eu sei, Emilia, eu sei que quem ganhava eras tu, e por isso é que não te deixei ir, porque se fosses... se fosses... eu podia perder-te!

Henrique

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

O CRIME DUM BOM CORAÇÃO

Uma vibrante folha arrancada a um album de memorias dum medico falecido recentemente no Porto. A prosa é completada por nós—o entrecho é absolutamente veridico.

MORREU ha duas semanas no Porto um medico que foi durante muito tempo o meu mais intimo amigo.

Quando eu tinha vinte anos e ele sessenta, acamaradavamos os dois como se fossemos rapazes.

A gente, no velho café da Rua de Cedofeita, ás longas tardes de inverno, esquecia aquela calva palida e serena, a longa bigodeira branca pregada na cara como um salva-vidas de electrico, e era tal a sugestão e o pitoresco da sua conversa, que a preferiamos á dos rapazes da nossa edade, infinitamente mais banais e mais insipidos.

E' que o velho doutor Xavier tinha

mil historietas vivas e saborosas, mil comentarios alegres e sadios á vida e ás coisas, e nós sorviamos, contagiados, a sua bela e eterna mocidade. De tantas interessantes historias que ele nos contava, uma porem ficou inedita.

Foi preciso que eu fosse ao seu segundo andar do Bomjardim, como testemunha civil, e quando o seu corpinho mirrado e seco dormia já no Repouso, para que me viesse ás mãos esta sua espantosa confissão arrancada a um livro de anotações.

«Meus amigos:

«Matei uma mulher. E' verdade! Eu, o vosso bom amigo, este inofensivo velhote, o Xavier, que curou meio Porto, deixou á sua creada velha apenas o suficiente para não morrer de fome—matou uma mulher!

Nunca tive coragem de lhes contar o meu crime. E é hoje, que faz um ano nesta noite de novembro em que lhes escrevo, que quero transmitir ás folhas deste livro uma confissão que me peza.

Fiz bem? Fiz mal? Eis o tormento secreto da minha vida. Eis o eterno problema do homem que foi feito para salvar, a quem é dado matar para curar, e a quem não é permitido matar para dar de vez o descanço definitivo.

A face da lei estou condenado. Á face da consciencia estou tranquilo.

Ante o misterio insondavel da morte—preguntou Rousseau se o medico tinha o direito de tirar a vida—sabendo que a tirava.

Todos responderam: Não! Eu dir-lhe-ia: Sim!

E, sobretudo depois da noite que passou ha um ano, afirmar-lhe-ia com toda a força da minha convicção: Sim, pode e deve matar!

* * *

Conheci a mãe de Genoveva no Hospital do Conde Ferreira.

Era uma louca perigosissima. Intercalava com periodos da mais clara lucidez ataques de furia desordenada e imprevista. A morte do marido, que não fôra mais que um desgraçado que passara a curta vida num meio sonho de alcool e de doença, fôra devida a um desses ataques. Com um ferro de cama quebrara-lhe um frontal, dum corte que parecia de guilhotina. Genoveva nascera antes desse periodo agudo.

A mãe, paranoica latente de nascença, tivera apenas crises epilepticas durante a gestação.

A pequena Genoveva, creada no monte, tinha uma certa côr de saude, mas era terrivelmente microcefala. Conheci-a no dia do enterro da mãe, apática e indiferente apezar dos seus dezoito anos selvagens e hirsutos.

E foi desde esse dia, que o acaso me proporcionou ocasião de conhecer e de acompanhar a vida dessa creatura...

* * *

Penso muitas vezes nessa energica selecção spartana—e penso na horrivel miseria fisica da humanidade de hoje.

Quantas vezes—ao abordar o leito dessa monstruosidade organica que era a pobre Genoveva eu não considerei esse tema desolador. O que se teria evitado de miseria degradante, de descalabro e de tragedia se a pobre louca que foi a mãe, e o alcoolico que era o pai, a não tivessem gerado!

* * *

Quando fui para a quinta naquele verão, vi, com espanto, a gravidez de Genoveva.

Pois quê?! A cachopa doente e apalermada, cheia de mazelas, o escarneo da aldeia, a «Coxelas», como lhe chamava o rapazio, teria a suprema graça de conceber?!

E nessa noite, na casa do lagar, esperei até tarde os rapazes da ceifa e preguntei-lhes á saida:

—Eh! rapazes! Que é aquilo da «Coxelas»?!

—Ah! O Sr. Dr. não sabe? Isso foi caso falado.

A «Coxelas» andou aí de amores com o «Parolo» de S. Romão, ao principio do inverno. E vai daí «inté» lhe fizemos de parodia um casamento. Se não fosse o senhor Prior, haviamos de os levar á egreja. O peor é que o «Parolo» fugiu-lhe e ela está viuva.

A modos que entesicou com a primavera e ninguem mais deu fé de o vêr no lugar...

* * *

Os homens sairam e eu fiquei absorto na meia luz das candeias ainda acesas sobre os grandes toneis vazios.

Eu tambem conhecia a historia vulgar do «Parolo». Era o tipo classico do parvo de aldeia. O pai fôra homem na minha infancia e eu recordava ainda aquela leva grande de emigrantes que tinham partido para S. Paulo. Regressara depois á aldeia, velho, cançado e gasto por uma vida extenuante de trabalho barbaro.

Mas trazia dinheiro. Pelo menos o suficiente para pôr uma venda á entrada da Rua Larga e para lhe não faltarem mulheres.

Não passou muito tempo que se lhe não juntasse cachopa mais atrevida e ambiciosa. Dessa ligação material e sordida nasceu o «Parolo».

A morte do pai, o incendio da locanda nos primeiros anos da creança e depois a partida da mãe para ir servir para o Porto, fizeram dele o abandonado, o esterco da rua, o tolerado por esmola e por compaixão, o tipo daqueles miseraveis farrapos humanos que na estrada, entre a poeira dos carros, bronzeados de sol, nos estendem como tições negros os braços e as mãos.

Pois fôra o «Parolo» de S. Romão o tragico noivo da «Coxelas»!

* * *

Uma tarde, depois de jantar, quando me debruçava do alpendre sobre o caminho do campo vi a «Coxelas». Ia a cantarolar aos bordos pela azinhaga ingreme e levava um vime por entre dentes. O corpo estava pesado e largo nas ancas, a pele oleosa e tisnada, as olheiras maiores. Sobre os ombros um farrapo imundo e o cabelo empastado e nojento sai-lhe em golfadas negras de sob a aza do lenço.

—E' «Coxelas»!

E chamei-a. Que viesse beber uma tijela de caldo. Entrou. Poz-se no pateo a recuar, com os olhos enviusados para o chão, e eu fui abaixo, só, ter com ela.

—O «Parolo» morreu...—disse-lhe a meia voz.

Ela afogou um grito na garganta, um uivo rouco de dôr, e fugiu pelo portão, numa corrida. Passou-se um mês sem que eu a visse mais...

* * *

Seis horas da manhã—e já na torre do relogio, o sol, vermelho e sanguineo como bagos de romã, pintava tudo.

—Chegue cá, Sr. Doutor! A Coxelas está ali no feno, a torcer-se com as dôres. As mulheres que foram para a vindima não quisera perder o meio dia para ficar com ela.

—E fui eu e um creado trazer o Coxelas para uma cama. Estava quasi desmaiada, tinha a espuma de sangue das epilepsias.

Todo o dia velei a desgraçada e a mediquei. A' tarde o ceu toldou-se. Nuvens de trovoada, plumbeas e densas fechavam a luz. Chegou a noite. A «Coxelas» ardia em febre. A creança devia nascer de madrugada. A escuridão invadiu o quarto.

Ela socegou um pouco. Irresistivelmente fechei os olhos...

* * *

Oh! o que seria o filho da «Coxelas» e do «Parolo»!

* * *

Subi ao quarto e tirei a seringa. Voltei. A «Coxelas» parecia socegada. Dez minutos depois, chamei os creados da lavoura para falar ao Prior e uma carroça foi á vila buscar um caixão que eu lhe mandei comprar. A «Coxelas» estava morta e a sua tragedia tinha acabado com ela».

O Reporter Misterio

O nosso Concurso de Novelas

Terminou hontem a data para a entrega de novelas. Foram recebidas

160

que um júri vai lêr e classificar. Brevemente daremos a lista dos premios.

A FESTA DOS MERCADOS

O MERCADO SEISCENTISTA DO LARGO DE S. DOMINGOS

Entre os festejos promovidos pelo «Diario de Lisboa» avultou a bela reconstituição do mercado ao Seculo XVII. — Uma das nossas gravuras representa o «Almotacé» do mercado, ou antigo fiscal (o distincto actor Santos Carvalho) lendo o pregão do Senado municipal ao povo, acompanhado dos seus intendentes. (outros dois distintos artistas do Maria Victoria.) — Outra é um trecho do mercado, em que se vê o lugar dos mariscos, camarões e lagostas.

NO TEATRO

O grande actor Alves da Cunha que acaba de obter um exito formidavel com a creação do "Saltimbanco" posto em scena superiormente pelo mestre Araujo Pereira.

AS LETRAS

NORBERTO LOPES, brilhante jornalista, autor do novo livro «Mais vale andar no mar alto...» que já alcançou grande sucesso literario. Norberto Lopes será o representante de o «Diario de Lisboa», no jury do «Concurso das Novelas»

BELAS ARTES

Um dos quadros do ilustre artista Abel Manta, que acaba de expor com muito exito no salão Bobone.

NO TEATRO

O ilustre professor de indumentaria Castelo Branco, que deu a sua brilhante colaboração á Festa dos Mercados e que é um dos grandes colaboradores do teatro português.

VARIA

Grafologia

o caracter revelado pela caligrafia

RESPOSTAS A CONSULTAS

NORMA. — Espirito analitico, critica interiormente tudo e todos, pouca vaidade exterior, trabalhador, teimoso, pratico e economico, nervoso, retraimentos, gestos simples, força de vontade paciente, pouco falador, amador da verdade.

TRIANON.—Caracter reflexivo apesar da pouca idade, estudioso, egoismo natural, generosidade sem norma só por impulso e nem sempre.

B. C. O.—Não servem versos sem assignatura, não tenho pois por onde fazer a analise.

MIUDINHA.— Muita imaginação e muito bom gosto, suave, bondosa e com espirito religioso, quasi mistico, inimiga de frases duras, acha que tudo se pode fazer sem violencias, habilidade manual. Economica sem exagero, ideias muito suas e muito inconfessadas, sente-se bem quando cumpre um dever ou dá uma esmola, trato afavel e espirituosa quando quer.

UM ESPERANSOSO.—Impulsivo, bondoso ás vezes, e mau outras, generosidade impulsiva, boa memoria e bom gosto, egoismos inconfessados de ambições inconfessadas, muito amoroso, amor á discussão, sensualidade forte, intuição, inteligente para o trabalho, rajadas pessimistas, pouca ou nenhuma vaidade.

MISS SILVA.— Nervos fortes que lhe custam dominar, «cerebro a mais»; caracter desigual que não compreende, independencia de caracter e de ideias, cansaços sem motivo, mas que a deixam quasi extenuada por horas e ás vezes por dias, traço original economia domestica, espirito religioso.

DARY.— Boa imaginação, impressionista e impulsivo, falador de mais, bom gosto para tudo ideias independentes, amor á leitura e á discussão onde quasi sempre triunfa, generosidade prodiga, propositos constantes de mudar pois sempre está descontente de si proprio mas..., não muda, amor a toda a gente especialmente ás creanças, inteligencia intuitiva ordem nos objectos.

ROSALIA. — Caracter aberto, idealismos optimismo, boa saude, equilibrio moral, ideias retas e boas, lialdade, generosidade, espirito religioso sem exagero, curiosidade de aprender, ordem, bom gosto literario, trato afavel, veracidade.

AREIAS.—Sentimento de poesia, amor á verdade, impulsivo e por vezes violento, energia para mandar os outros, generosidade optimismo proprio de quem põe em si proprio a confiança que lhe deixa um orgulho grande do que é e do que vale, bom, generoso, trabalhador, muito sensual e muito amante da musica.

CRISANTHEME.—Caracter um pouco indecifravel, de suave trato que esconde bem, um pouco de maldade, memoria excelente para tudo, amor á leitura, boa diplomata, vaidade intima, intuição, espirito critico, inteligente, verbo facil, economia, ordem, inteligencia clara mas lenta.

OCHOA. — Infantilismo, caracter que se adapta facilmente ao que os outros lhe dizem, desconfiado em casos de interesses, egoista e ambicioso ordenado nos objectos e na sua pessoa, habilidade manual, generosidade muito bem entendida, espirito religioso, supersticioso amante do fado e de versos que sejam faceis e fiquem no ouvido.

JIM.—Apaixonado vehemente nada vaidoso, activo, pratico, boa memoria para umas coisas e horrivel para outras, generosidade de alma, ideias sãs e feliz quando trabalha, não é mau e está contente quasi sempre, reservado leal, veste bem mas não é «Papo-seco».

REJA.—Boa força de vontade, espirito pratico, boa diplomata quando quer, no fundo só se conhece a ela só, pois não mostra parte fraca a ninguem, economia bem entendida, inteligencia subtil, religiosa sem exagero.

AIDA.—Força de vontade impaciente, boa memoria, amor aos livros e ao dinheiro, idealismos e sede de aventuras, bom gosto trato afavel, dedicada «a certas pessoas», reservada, quando convem, amor á estetica, ordem, generosidade bem entendida.

AIRAM ETIEL.—Impulsiva, independente de ideias e de caracter, generosa ás vezes economica outras, valente e leal, preguiçosa, ama a dança, adora o conforto, apaixona-se rapidamente e custa-lhe desenganar-se a si propria, inteligente e atrevida.

DEMOSTENES.—Impulsivo e impressionavel, bom gosto, finura de sentimentos e um tanto religioso, vaidades pueris, sentimento altamente poetico, pessimismos passageiros, generosidade bem entendida, curiosidade, precavido, ideias proprias e nada mudaveis.

MAROFFO.—Excessivamente nervoso, modesto, curiosidade de aprender insaciavel, pratico, esperto mais que inteligente, valente, aptidões para as matematicas, creancices inexplicaveis, reservado, lial e dedicado, forte sensualidade.

LELA.—Grande imaginação, vaidade e orgulho de si propria, bom gosto, frase viva e oportuna, boa memoria, assimilação intelectual, generosidade, sentimento de poesia, amor aos livros para os conservar, sensual, dedicada trato afavel, nervos bem dominados, espirito aventureiro, optimista, sonhadora.

JO.—Leia «Lela» que se parece muito comsigo. Só vejo a mais energia e força de vontade teimosa.

CAROCHA.—Distinção, generosidade prodiga bem entendida, dá só a quem deve dar e sabendo dar, grande imaginação, espirito dedicado e afectuoso, bom gosto literario, amor á musica, e á discussão, voluntariosa, rotunda nas afirmações, espirito critico e claro, um pouco amiga de fazer espirito, ideias largas, independentes, humoristas, um poucachinho mentirosa.

CARLOS ALBERTO.—Espirito pratico sem complicações, amor á verdade e ao trabalho, curiosidade de aprender, gostos simples e ingenuos, um pouco acanhado em certas ocasiões, bondade de alma, gosta de romances é delicado.

ZANNA.—Imaginação destrambelhada, caracter impulsivo, generosidade, espirito religioso, bom gosto para tudo, intuição, amor ao conforto, nervos indominaveis, simpatia optimismo, inteligencia clara, sensualmente cerebral.

DAMA DAS VIOLETAS. — Vaidade mal entendida que não tem qualquer orgulho espiritual, mundanismo, egoismo, trato afavel, simpatia, idealismos inconfessados, generosidade «para a galeria», bom gosto, «charme», espirito religioso e grande confiança... nas alturas esperando beneficios... só para ela, (as outras não os merecem...), habilidade manual, nervos fortissimos que sabe domoninar muito bem.

UM REVOLTADO.—Sensual, apaixonado, domina-se bem em tudo excepto nas paixões, independencia de ideias, bom gosto, boa saude, equilibrio e habilidade manual, generoso e dedicado, sentimento, amor á estetica e á poesia, espirituoso e inteligente.

RAPARIGA DA ALDEIA.—Temperamento suave e dedicado, nervos bem dominados, distinção natural, intuições, curiosidade, muito amor aos seus, habilidade manual, boa memoria muitos, pontos de contacto com «um Revoltado». Haviam de se entender bem, teem almas eguaes.

CAMELIA.—Otimista, franca de ideias e de riso aberto, um tanto creança, má memoria não muito generosa, ama a musica, as flores e os animaes, caracter brando com intermitencias.

MADEMOISELLE JL — De estupida não tem nada e de má tambem não, apenas um egoismo muito natural e muito humano de procurar o que lhe agrada tanto nos objectos como nas pessoas, habil para a conversa e um tanto diplomata para esconder o que pensa quando lhe convem, espirito religioso, economia sem exagero, vaidade natural de mulher, exigente... porque não é parva, excelente memoria, e nada mais. Está satisfeita?

R. R. GO. — Inteligencia clara amante da beleza em todas as suas manifestações e especialmente na plastica, muita sensibilidade para a musica, bom gosto e amor á estetica, ideias boas e independentes generosidade que nasce do desprezo impulsivo da defeza, curioso equilibrado, fortemente sensual mas sabendo dominar-se muito bem, sentimento de poesia («em prosa») amor ao conforto e um pouco ao preciosismo, em almofadas flores, vasos... etc... e nada precioso nas frases.

AVIAP.—Nervoso indomavel, impulsivo e com rajadas de mau humor, amante da poesia e da musica, «pouco generoso materialmente, sempre descontente de tudo e de todos, inteligente... para o que convem, nas outras coisas não tem o trabalho das estudar, imaginação lenta, um pouco de bisbilhotice.

***AVISO:** — Por não estarem em harmonia com as seis linhas escritas a tinta em papel não pautado, não posso responder ás consultas de Doisbarocos — Um extrangeiro — Uma que deseja ser cantôra — Lola — Um incredulo — Aurelio — Mãe de Badeco — Menbrófia — Principe Jacintus — Arevalo Tavares de Castro — C. S. — Uma loura — Um apaixonado por uma loura — Fre.*

D. E.

Quer saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhada de um escudo para — «*A DAMA ERRANTE*».

RUA D. PEDRO V, 18, — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS — o passatempo da moda

NOTA — Os numeros 32, 35 e 40 não existem.

HORIZONTALMENTE

1—Baliza 2—Mulher que rouba 3—Caminhar 4—Elemento 5—Terra portugueza 6—Seguir 7—Pedra 8—Existe 9—Aragem 10—Região 11—Falta 12—Vaso de pedra 13—Cubiçar 14—Mulher plebêa 15—Criado 16—Época 17—Parte do navio 18—Carta 19—Magua 20—Animal 21—Gemido 22—Preposição latina 23—Siga 24—Fruto da olive 25—Escutar.

VERTICALMENTE

1—Rio portuguêz 2—Astro 6—Merenda 9—Grito 11—Patroa 12—Soldo 14—(p. us.) pena de escrever 19—Sal 20—Terrivel 21—Elemento 22—(mit.) Filha do Rei Inacho 23—Olhei 26—Elemento 27—Aqui 28—Reza 29—Artigo arabico 30—Troça 31—Ave do Brazil 33—Descanço 34—Nome de mulher 36—Rezo 37—Duas letras de «RIO» 38—Batraquio 39—Torrar 41—Cabo delgado de viez 42—O primeiro numero 43—Despido.

Solução do numero passado

HORIZONTALMENTE

1—Ut 2—Pó 3—Al 4—Li 5—Lira 6—Asia 7—Sarar 8—Cor 9—M. A. T. 10—Mós 11—Aderica 12—Amor 13—Reza 14—Origens 15—Ias 16—Cal 17—Ara 18—Passe 19—Capa 10—Cimo 21—As 22—Ri 23—Is 24—Os.

VERTICALMENTE

1—Ut 2—Paz 4—Limo 6—Ar 8—Ca 10—Massa 17—Par 19—Ca 25—Tiro 26—Lar 27—Ia 29—Arar 29—America 30—Atireis 31—Mó 32—Ramos 33—Ar 34—Dor 35—Ireis 36—Ran 37—Rica 38—Vi 39—Ica 40—Onae 41—Lá 42—Abas 43—Ramo 44—Eça 45—Os.

Resolveu o problema do numero 39, o sr. Raimuddo Granés—Silves.

LUIZ CAMPOS, Coimbra. — O desenho é bom, porem a numeração está toda errada. Deve numerar primeiro as horizontaes e depois as verticaes. (Veja os problemas publicados). Queira, por isso, rectificar a numeração nessa conformidade e enviar novo desenho.

ANASTACIO DA SILVA.—A numeração tambem não vem certa. Só podemos aceitar desenhos que satisfaçam as condições do concurso. Por isso queira enviar novo desenho feito em papel branco e a tinta da china, com a numeração rectificada.

CONCURSO

Até ao dia 15 de Novembro p. f. fica aberto um concurso para estes interessantes problemas, com 2 premios assim distribuidos.

«1.º Premio». — Para o desenho mais original.

«2.º Premio» — Para o problema mais bem feito.

Todos os outros problemas recebidos, serão publicados desde que reunam as necessarias condições.

Os desenhos deverão ser feitos em papel branco e a tinta da China, e enviados em carta a esta redação com a indicação de

CONCURSO DAS PALAVRAS CRUZADAS

PUBLICIDADE

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUESES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO – 48 ESCUDOS –
SEMESTRE – 24 ESC. –
TRIMESTRE – 12 ESC. –

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITICA

O CIRCUITO HIPICO DE PORTUGAL

A MONUMENTAL INICIATIVA DO "DIARIO DE NOTICIAS"

Do mais largo alcance patriotico e do mais arrojado espirito de iniciativa, é o grande emprehendimento a que o *Diario de Noticias* meteu hombros, conseguindo envolver num abraço de comunhão, toda a terra portuguesa. Portugal inteiro vibra e acompanha neste momento os cavaleiros de Portugal!